

### 3 O CONFLITO DAS GERAÇÕES

*por Alécio Vidor<sup>1</sup>*

A juventude apela por uma nova civilização. O jovem pode não saber porque a própria vida manifesta insatisfação, mas ele sabe reclamar tal como a criança que não conhece seu problema, mas já sabe chorar.

Os movimentos sociais ostentam certas exigências que nascem por impulsos vitais que a consciência jovem pode não entender, mas que o comportamento coletivo pode revelar. As manifestações sociais não são movidas por ideologias de partidos, nem por crenças ou por interesses privados ou de pequenos grupos, mas surgem como contestação ao modo como a vida está sendo condicionada e forçada a uma adaptação inconveniente para a realização pessoal e do bem comum.

O jovem, desde a mais tenra idade, quer exercitar-se no fazer, no inventar, no construir, e o contexto, as leis, a estrutura social o inibem. O modo restritivo de dar espaços ao jovem, quando a vida lhe exige mais ação, devido ao aumento da carga energética vital, leva a juventude a manifestar-se de modo explosivo.

---

<sup>1</sup> Pedagogo e Filósofo formado pela Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul. Graduado em Ontopsicologia pela Associação Internacional de Ontopsicologia – Roma (1978). Mestre em Pro dissertatione Doctorali pela Pontificia Universidade Católica de São Tomás – Roma. Doutor em Filosofia pela Universidade São Tomás de Aquino – Roma (1973).

Os jovens, por leis e imposição social, estão confinados a aprender na escola o que os adultos transmitem, falando de cultura e das opiniões. O jovem sente e começa a perceber que o entulho de informações dado à consciência pouco ajuda na construção da competência que realize a própria pessoa e lhe dê o ganho necessário para prover sua vida e tornar-se autônomo. Ele intui que aprende-se mais e melhor mediante o fazer, o agir, o produzir.

As facilidades oferecidas pela tecnologia abrem espaços para o ingresso das crianças no trabalho. Em muitos setores que antes se exigia esforço físico do trabalhador, hoje se resolve acionando botões, e isto as crianças aprendem com desenvoltura e sentem satisfação em fazer.

Se na infância e mais ainda na adolescência a vida irrompe com uma força maior, é necessário oferecer meios para aplicar a nova força em ação, produção e trabalho, para que, de retorno, haja ganho pessoal e coletivo.

Os adultos, professores, políticos ou cientistas devem perceber que a nova geração clama por uma resposta à sua vida. Se as leis impedem o trabalho até os quatorze anos e impõe os ensinamentos da escola, o uso do computador, o jovem começa a sentir o vazio da existência, porque a força da vida não é aplicada para construir o valor pessoal.

Quando se permite, recorrendo a uma brecha da lei, à criança treinar, desde a infância, para aprender a jogar, lhe é oferecido um espaço de ação restrito e voltado a um valor que emociona, mas não produz resultados

que beneficiam a vida pessoal e coletiva. O jogo pode oferecer gratificações sociais para os jogadores, mas produzem um vazio que não contribui para o progresso pessoal e coletivo de ordem material e intelectual.

As leis não podem restringir o uso da própria força apenas a um exercício mecânico repetitivo, mas necessitam abrir para o cultivo da inteligência e capacidade produtiva. Estancar crimes e inibir a vitalidade jovem com penas sempre mais severas não é o caminho para cultivar o valor humano. É necessário conhecer a ordem inerente na própria vida da natureza humana para propor leis que reforcem e dignifiquem o valor humano pessoal e coletivo.

Quando um empresário constata dentro de sua empresa que a curiosidade do saber fazer aguça a mente jovem a aprender mais rapidamente e contribui para saber criar, ele entende que educar é dar a oportunidade ao trabalho da criança ou do jovem para que se responsabilize pela ação conveniente à sua realização.

A criança, desde cedo, se esmera em assimilar qualquer elemento novo que aumente sua capacidade, porém se encontra um conjunto legal que bloqueia sua ambição, acontece que a força impedida toma o caminho da forma inversa: o jovem usa a agressão, procura extorquir ganhos sem nada produzir, provoca o caos social e, desiludido, recorre ao uso da droga.

O esporte, de fato, dá tão somente resultados relativos que emocionam. A gratidão do aplauso aos jogadores não sacia a sede da inteligência humana, no uso da realização pessoal e do bem coletivo.

O noticiário sempre está recheado de violência,

crimes, mortes e isso tende a paralisar a iniciativa, a criatividade, porque insemina um medo impotente que não ajuda a resolver a situação social vigente.

Não se pretende criticar a mídia, porque a mídia aponta os resultados de uma sociedade em desordem e esta revela a falência da educação, das leis fabricadas e dos erros contra a ordem da vida, por incompetência científica de conhecer como é constituída a natureza humana.

A mídia, enquanto salienta apenas as feridas sociais, não contribui com as propostas criativas de auxílio ao bem comum e intimida quem busca crescer e força os indivíduos a resignar-se a uma acomodação social sem perspectiva evolutiva.

A mídia poderia ser um ótimo instrumento de informações para abrir espaços na sociedade para a atuação dos jovens como protagonistas da construção do próprio valor pessoal. O jovem de hoje sente e percebe, embora não consiga contrapor-se, que a cultura ensinada não produz os resultados de vida, por ele esperados, na sociedade; observa perplexo que se dá prioridade à matéria e não se vê frutos da mente e do espírito.

Tudo isso não provoca mais atração pela escola e pela cultura transmitida. É um sinal que a escola não lhe dá o que sacia sua alma: o caminho para construir seu valor pessoal.

As empresas já constataam que a escola não prepara adequadamente para o exercício profissional e muito menos esclarece o modo de resolver os problemas humanos, que muitas novelas até os reforçam.

Quanto mais se prioriza o assistencialismo, sem res-

ponsabilizar os dependentes a prover a autossuficiência, tanto mais se reduz o aspecto evolutivo do humano. O aumento da população em forma desordenada criou uma massa ineficiente para um trabalho que dignifique o homem mediante mérito e criatividade. Como alternativa, a procriação talvez necessite adequar-se à evolução da inteligência do homem e o Estado poderia regulamentar nascimentos em base às ofertas disponíveis e previsíveis de trabalho. O homem faz o trabalho e se faz pelo trabalho.

O jovem reage acusando que a cultura dos antepassados pouco serve à vida deles e apela por uma nova civilização. Trata-se de um conflito de gerações que provoca uma crise e apela por uma nova civilização humana. Hoje há uma premente necessidade de novos aspectos peculiares à vida intelectual, moral, artística e material. Não nos referimos a uma nova ideologia, mas a uma compreensão que passa pelo conhecimento de todas as linguagens organísmicas.

O corpo é o livro onde a alma faz seus depoimentos, e esses depoimentos não se limitam ao que a vista vê e os ouvidos ouvem, mas se ampliam em sentimentos, sonhos e informações dinâmicas que a consciência não percebe porque foi clonada pela cultura do passado.

Não convém impor uma cultura como de valor único e absoluto, mas é indispensável abrir a consciência para aprender a decifrar as linguagens da vida que passam pelas informações do organismo humano.

Nós necessitamos da ciência da vida, e esta já existe!!!